

Seleções
READY'S CHOICE

Inspire-se

**Histórias de Seleções para
refletir e se emocionar**



Inspire-se

**Histórias de Seleções para
refletir e se emocionar**

Seleções
READER'S DIGEST

Sumário

[Apresentação](#)

[Introdução](#)

[A carta](#)

[A noite em que conheci Einstein](#)

[A magia de uma noite de verão](#)

[Kristen volta para casa – para morrer](#)

[‘O melhor conselho que já recebi...’](#)

[As memórias de Anna Pavlova](#)

[A toalha de mesa de ouro e marfim](#)

Seleções: o mundo cada vez melhor

Há mais de 90 anos Seleções do Reader's Digest oferece conteúdo de qualidade em variadas áreas do conhecimento, apresentando-o de forma concisa e objetiva. Isso fez com que nos tornássemos parte da história e educação das pessoas em mais de 45 países, sempre informando, divertindo e emocionando nossos milhões de leitores.

Continuando a desempenhar esse papel, estamos sempre buscando novos meios e novos canais de comunicação e acompanhando a evolução global a fim de atender às necessidades do homem de hoje. Sempre pensando em um mundo melhor, para que você também esteja cada vez melhor.

Conheça Seleções e nosso conteúdo nas páginas:



Introdução

Ao relermos nossas páginas para eleger quais histórias seriam compiladas neste livro, relembramos muitos personagens marcantes, verdadeiros exemplos de vida. Mas um personagem em especial não saiu de nosso pensamento – aquele que há sete décadas norteia as ações e escolhas de Seleções: o leitor. Sim, é justamente para você que buscamos os relatos mais interessantes, vindos de todas as partes do mundo. Mês a mês eles são contados em nossas edições à nossa maneira característica: simples e resumidamente. Mas sempre com emoção.

Muitas das histórias reunidas em *Inspire-se* levaram nossa equipe às lágrimas, outras serviram como fonte de inspiração para uma mudança de hábitos e de perspectiva. Todas, no entanto, têm a mesma capacidade de sugerir uma profunda reflexão sobre a capacidade do ser humano para o bem e para os sentimentos grandiosos.

Esperamos que as histórias aqui contadas – algumas até então inéditas em português – acrescentem as doses de esperança, perseverança e, sobretudo, amor, essenciais para torná-lo parte da construção de um mundo melhor e mais bonito.

Os editores

A carta

Ao procurar quem escreveu uma mensagem 60 anos antes, um homem faz uma viagem extraordinária

POR ARNOLD FINE
de The Jewish Press

Handwritten text in a cursive script, likely a historical document or letter. The text is dense and covers the upper portion of the page.

Handwritten text in a cursive script, continuing from the top section. The text is dense and covers the lower portion of the page, ending with a signature or date.

Alguns anos atrás, num dia gelado, tropecei numa carteira na rua. Não havia identificação dentro dela. Somente três dólares e uma carta amassada que parecia estar ali havia anos.

A única coisa legível no envelope rasgado era o endereço do remetente. Abri a carta e vi que fora escrita em 1924, quase 60 anos antes. Eu a li atentamente, na esperança de achar alguma pista da identidade do dono da carteira.

Era uma carta que começava com “Meu querido”. Quem a escrevera com letra delicada dizia ao destinatário, cujo nome era Michael, que a mãe a proibira de vê-lo de novo. Ainda assim, ela sempre o amaria. Assinado, Hannah.

Era uma carta linda. Mas, além de estar escrito o nome Michael, não havia nada que identificasse o dono. Então, liguei para o serviço de informações para ver se a telefonista poderia me ajudar.

– Telefonista, sei que parece estranho, mas estou tentando encontrar o dono de uma carteira que achei. Há como saber o telefone por meio de um endereço que está numa carta dentro da carteira?

A telefonista me passou para a supervisora, que disse que havia um telefone registrado com aquele endereço, mas que não podia me dar o número. No entanto, ela ligaria e explicaria a situação. Se a pessoa quisesse falar comigo, me repassaria a ligação. Esperei um minuto e ela voltou à linha.

– Há uma mulher que quer falar com o senhor.

Perguntei à mulher se ela conhecia alguma Hannah.

– Ah, é claro! Compramos esta casa da família de Hannah.

– A senhora sabe onde posso localizá-la agora? – perguntei.

– Hannah teve de internar a mãe numa casa de repouso anos atrás. Talvez a instituição possa ajudá-lo a encontrar a filha.

Ela me deu o nome do local. Liguei e soube que a mãe de Hannah havia morrido. A mulher com quem falei me deu um endereço onde ela achava que Hannah poderia estar.

Telefonei. A mulher que atendeu explicou que agora era Hannah quem morava numa casa de repouso e me deu o telefone de lá. Liguei e me disseram:

– Sim, Hannah está aqui conosco.

Perguntei se podia visitá-la. Eram quase dez da noite. O diretor disse que talvez Hannah estivesse dormindo.

– Mas, se o senhor quiser arriscar, pode ser que ela esteja na sala assistindo à televisão.

O diretor e um guarda me receberam à porta da instituição. Fomos até o terceiro andar falar com a enfermeira, que nos disse que Hannah estava mesmo assistindo à TV.

Entramos na sala. Hannah era uma senhora doce, de cabelos prateados, com um sorriso caloroso e olhos amistosos. Contei-lhe da carteira e lhe mostrei a carta. No instante em que a viu, ela respirou fundo.

– Meu rapaz – disse ela –, esta carta foi o último contato que tive com Michael. – Ela olhou para longe e falou, pensativa: – Eu o amava muito. Mas só tinha 16 anos, e minha mãe achou que eu era nova demais. Ele era tão bonito. Sabe, como o ator Sean Connery.

Ambos rimos. Então, o diretor nos deixou a sós.

– É, o nome dele era Michael Goldstein. Se o encontrar, diga-lhe que ainda penso muito nele. Nunca me casei – contou ela, sorrindo entre lágrimas que se acumulavam nos olhos. – Acho que ninguém jamais chegou aos pés de Michael.

Agradei a Hannah, me despedi e peguei o elevador para o primeiro andar. Quando cheguei à porta,

o guarda perguntou:

– Ela o ajudou?

Respondi que me dera uma pista.

– Pelo menos, já sei o sobrenome. Mas provavelmente não vou procurar agora. – Expliquei que passara quase o dia todo atrás do dono da carteira.

Enquanto conversávamos, puxei a carteira de couro marrom com um cordão trançado vermelho e a mostrei ao guarda. Ele a olhou e disse:

– Ei, eu reconheceria esta carteira em qualquer lugar. É do Sr. Goldstein. Ele vive perdendo.

– Quem é o Sr. Goldstein? – perguntei.

– É um dos residentes do oitavo andar. Essa é a carteira dele, com toda a certeza. Ele costuma sair para caminhar.

Agradei ao guarda e corri de volta à sala do diretor para lhe dizer o que o guarda me contara. Ele me acompanhou até o oitavo andar. Torci para que o Sr.

Goldstein estivesse acordado.

– Ele ainda deve estar na sala – disse a enfermeira –, porque gosta de ler à noite.

Fomos ao único cômodo com a luz acesa e lá estava um homem lendo um livro. O diretor lhe perguntou se ele perdera a carteira.

Michael Goldstein ergueu os olhos, tateou o bolso de trás e disse:

– Minha nossa, sumiu. – No segundo em que a viu, deu um sorriso de alívio. – Sim, é ela. Deve ter caído hoje à tarde. Preciso lhe dar uma recompensa.

– Ah, não, obrigado – respondi. – Mas tenho de lhe contar uma coisa. Li a carta na esperança de encontrar o dono da carteira.

O sorriso no rosto dele sumiu.

– Você leu aquela carta?

– Não só li como acho que sei onde Hannah está.

Ele empalideceu.

– Hannah? Você sabe onde ela está? Como está ela? Ainda é tão bonita quanto antes?

Hesitei.

– Por favor, me diga! – insistiu Michael.

– Ela está bem e tão bonita quanto era quando o senhor a conheceu.

– Pode me dizer onde ela está? Amanhã quero ligar para ela. – E pegou a minha mão, dizendo: – Sabe de uma coisa? Quando recebi aquela carta, minha vida acabou. Nunca me casei. Acho que sempre a amei.

– Michael – eu disse –, venha aqui comigo.

Nós três pegamos o elevador para o terceiro andar. Andamos até a sala onde Hannah ainda assistia à TV. O diretor foi até ela.

– Hannah – disse ele, baixinho. – Conhece este homem?

Michael e eu estávamos esperando à porta. Ela ajeitou os óculos, olhou um momento e não disse palavra.

– Hannah, este é Michael. Michael Goldstein. Lembra-se?

– Michael? Michael? É você!

Ele andou devagar até ela, que se levantou, e os dois se abraçaram. Depois, sentaram-se num sofá, deram-se as mãos e começaram a conversar. O diretor e eu saímos, ambos chorando.

– Viu como o bom Deus trabalha? – perguntei, filosoficamente. – Se for para acontecer, vai acontecer.

Três semanas depois, recebi um telefonema do diretor, que perguntou:

– Pode vir aqui no domingo para assistir a um casamento? – Ele nem esperou minha resposta. – É,

Michael e Hannah finalmente vão ficar juntos!

Foi uma linda cerimônia, com todos os moradores da casa de repouso participando da festa. Hannah usava um vestido bege e estava linda. Michael usava um terno azul-marinho, muito elegante. O lar lhes deu um quarto particular, e quem quiser ver uma noiva de 76 anos e um noivo de 78 agindo como adolescentes precisa conhecer este casal.

Um final perfeito para um caso de amor de quase 60 anos...

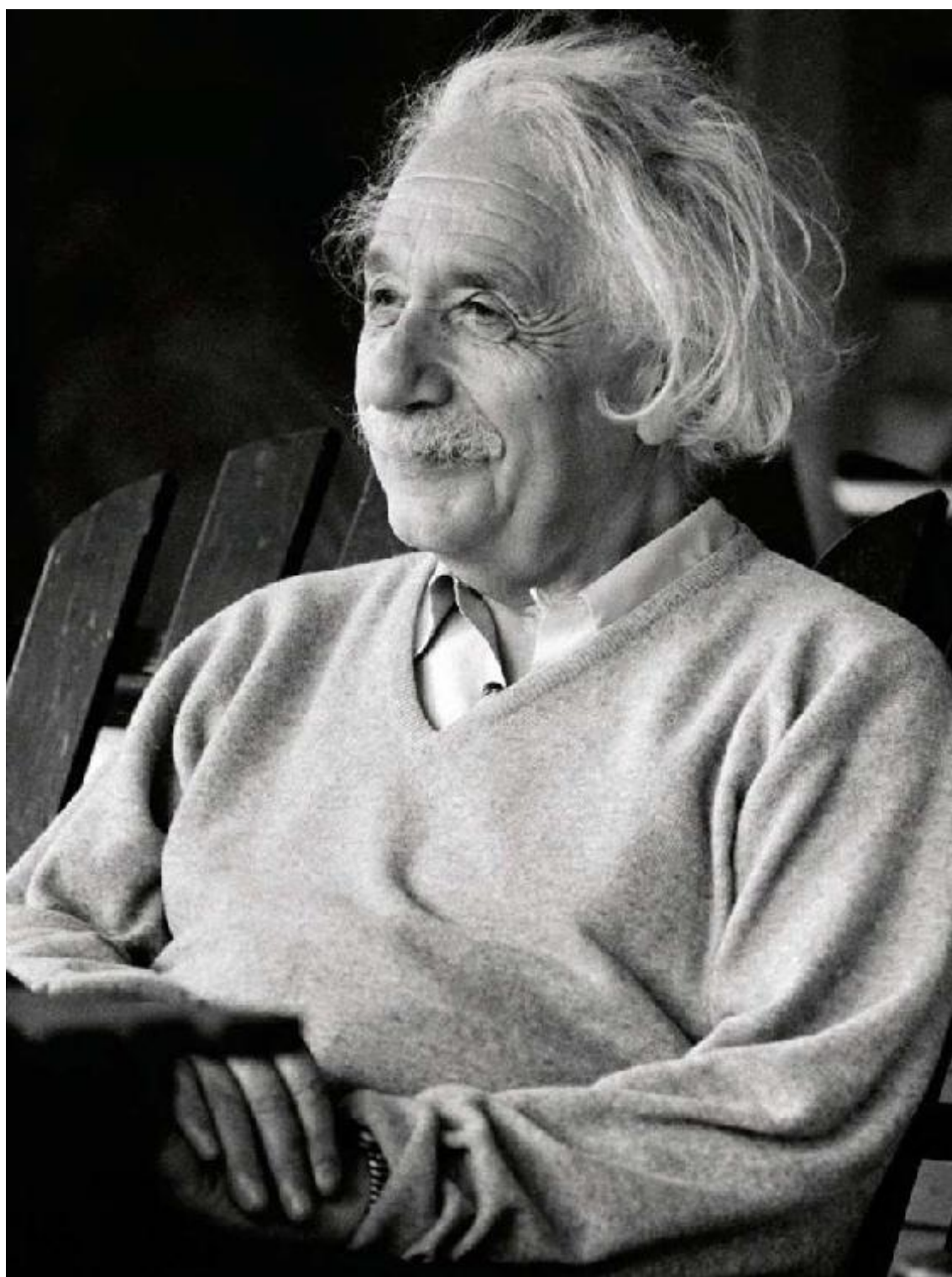
A noite em que conheci Einstein

Uma lição de vida e música vinda de uma das mentes mais brilhantes do mundo

POR JEROME WEIDMAN

FOTO: ADAM GAULT/GETTY IMAGES; ERNST HAAS/GETTY IMAGES

Quando eu era rapazinho e mal começava a trilhar meu caminho, fui convidado para jantar na casa de uma ilustre filantropa de Nova York. Depois do jantar, nossa anfitriã nos levou a uma sala enorme. Mais convidados chegavam e meus olhos avistaram duas imagens desanimadoras: os empregados alinhavam cadeirinhas douradas em compridas filas; e, na frente, encostados na parede, viam-se vários instrumentos musicais.



Aparentemente, eu tinha caído numa noite de música de câmara. Uso o verbo “cair” porque a música nada significava para mim. Não sou bom de ouvido – com muito esforço até consigo cantarolar uma melodia bem simples e, para mim, a música erudita não passava de um arranjo de barulhos. Então, fiz o que sempre fazia quando encurralado: sentei-me e, quando a música começou, fiz uma cara de apreciação inteligente (pelo menos, assim esperava), deixei de ouvir o som dos instrumentos e mergulhei nos meus pensamentos completamente irrelevantes.

Dali a pouco, ao perceber que as pessoas à minha volta aplaudiam, concluí que era seguro sair do transe. Na mesma hora, ouvi à minha direita uma voz gentil, mas surpreendentemente penetrante:

– Gosta de Bach? – foi o que ouvi.

Eu sabia tanto de Bach quanto de fissão nuclear. Mas conhecia um dos rostos mais célebres do mundo, com a famosa juba desgrenhada de cabelo branco e o eterno cachimbo entre os dentes. Eu estava sentado ao lado de Albert Einstein.

– Bem... – comecei, pouco à vontade, e hesitei. Ele havia feito uma pergunta superficial. Eu só precisava responder superficialmente também. Mas, pela expressão nos olhos extraordinários do meu vizinho, dava para perceber que ele não cumpria meramente o dever da boa educação. Independentemente do valor que eu desse à minha participação na interação verbal, para aquele homem a parte dele importava muito. Acima de tudo, pude sentir que era um daqueles sujeitos a quem não se pode contar mentiras, por menores que sejam.

– Não sei nada sobre Bach – disse, sem jeito. – Nunca escutei uma música dele.

Um ar perplexo de espanto passou pelo rosto de Einstein.

– Nunca escutou Bach?

Parecia que eu dissesse nunca ter tomado um banho.

– Não é que eu não queira gostar de Bach – respondi apressado. – É que não sou bom de ouvido e, escutar mesmo, nunca escutei música nenhuma.

Um ar de preocupação surgiu no rosto do homem.

– Você me faria um favor? – perguntou ele, de repente. – Poderia me acompanhar?

Ele se levantou e pegou meu braço. Levantei-me. Enquanto ele me conduzia por aquela sala lotada, mantive os olhos, sem graça, fixados no tapete. Um murmúrio crescente de curiosidade nos seguiu até o corredor. Einstein não prestou atenção. Resoluto, levou-me até o segundo andar. Era óbvio que conhecia bem a casa. Lá em cima, abriu a porta de um escritório repleto de livros nas prateleiras, me puxou para dentro e fechou a porta.

– Agora – disse ele com um sorrisinho de preocupação –, diga-me, por favor, há quanto tempo se sente assim com a música?

– A vida inteira – respondi, me sentindo péssimo. – Gostaria que o senhor descesse para ouvir o concerto, Dr. Einstein. O fato de eu não gostar de música não é importante.

Einstein sacudiu a cabeça e fez um muxoxo, como se eu tivesse dito algo irrelevante.

– Por favor, me diga – continuou ele. – Há algum tipo de música de que goste?

– Bem – respondi –, gosto de músicas que têm letra, de músicas que eu consiga acompanhar a melodia.

Ele sorriu e assentiu com a cabeça, obviamente satisfeito.

– Talvez possa me dar um exemplo?

– Bem – me aventurei –, quase tudo do Bing Crosby.

Ele concordou de novo, animado.

– Bom!

Ele foi até um canto da sala, abriu a vitrola e começou a pegar alguns discos. Observei-o, inquieto. Finalmente, ele sorriu.

– Ah! – disse.

Pôs o disco para tocar e, num instante, o escritório se encheu com os acordes tranquilos e alegres de “When the Blue of the Night Meets the Gold of the Day”, de Bing Crosby. Einstein sorriu para mim e marcou o ritmo com o bocal do cachimbo. Depois de três ou quatro frases ele parou a vitrola.

– Agora – disse –, pode me dizer, por favor, o que acabou de escutar?

A resposta mais simples parecia ser cantar as frases. Foi o que fiz, tentando desesperadamente me manter no ritmo, sem deixar que a voz desafinasse. A expressão no rosto de Einstein foi como o nascer do sol.

– Viu? – gritou com prazer quando terminei. – Você é bom de ouvido!

Murmurei alguma coisa sobre aquela ser uma das minhas canções favoritas, algo que escutara centenas de vezes, de modo que, na verdade, não provava nada.

– Que nada! – disse Einstein. – Isso prova tudo! Lembra-se de quando teve a primeira aula de aritmética na escola? Suponhamos que, no seu primeiro contato com os números, o professor lhe mandasse resolver logo um problema com longas divisões ou frações, por exemplo. Acha que conseguiria?

– É claro que não.

– Exatamente! – Einstein fez um gesto triunfante com a boquilha do cachimbo. – Seria impossível e você provavelmente entraria em pânico. Bloquearia a mente para as longas divisões e frações. Em consequência disso, por causa daquele pequeno erro do seu professor no princípio, talvez durante a vida inteira lhe fosse negada a beleza das longas divisões e das frações.

A boquilha do cachimbo subiu e se afastou em outro gesto.

– Mas, no seu primeiro dia, nenhum professor seria tão idiota. Ele começaria com coisas elementares. Depois, quando adquirisse habilidade com os problemas mais simples, ele o levaria para as longas divisões e as frações. E é assim com a música. – Einstein pegou o disco de Bing Crosby. – Esta cançãozinha simples e encantadora é como as somas e subtrações simples. Você a dominou. Agora vamos passar para algo mais complicado.

Ele achou outro disco e o pôs para tocar. A voz de ouro de John McCormack cantando “The Trumpeter” encheu a sala. Depois de algumas frases, Einstein parou o disco.

– Então! – disse. – Pode cantar isso para mim, por favor?

Cantei bastante envergonhado, mas, para mim, com um grau surpreendente de exatidão.

Einstein me fitou com uma expressão que eu só vira uma vez na vida: no rosto do meu pai ao ouvir meu discurso na cerimônia de formatura do ensino médio.

– Excelente! – observou Einstein quando terminei. – Foi maravilhoso! Agora, isso!

“Isso” era Caruso num fragmento totalmente irreconhecível para mim da ópera em um ato “Cavalleria Rusticana”. Ainda assim, consegui reproduzir uma aproximação dos sons que o famoso tenor executara. Einstein aprovou com um sorriso.

Caruso foi seguido por pelo menos uma dúzia de outros intérpretes. Fiquei admirado com a maneira

como aquele grande homem, em cuja companhia o acaso me lançara, preocupava-se inteiramente com o que fazíamos, como se esse fosse seu único interesse na vida.

Por fim, chegamos a discos de música sem letra, que fui instruído a reproduzir cantando de boca fechada. Quando tentei cantar uma nota aguda, Einstein abriu a boca e inclinou a cabeça para trás como se quisesse me ajudar a atingir o que parecia inatingível. Parece que cheguei bem perto, pois, de repente, ele desligou a vitrola.

– Agora, rapaz – disse ele, me dando o braço –, estamos prontos para Bach!

Quando voltamos ao nosso lugar na sala, os músicos afinavam os instrumentos para uma nova seleção. Einstein sorriu e me deu um tapinha tranquilizador no joelho.

– Apenas escute – cochichou. – Só isso.

É claro que não era só isso. Sem o esforço que ele acabara de fazer por um total desconhecido, eu nunca teria escutado – como escutei naquela noite pela primeira vez – “Mansamente pastam as ovelhas”, de Bach. Já a ouvi muitas vezes desde então. Acho que nunca me cansarei dela. Porque nunca a escuto sozinho. Estou sempre sentado ao lado de um homenzinho gorducho com uma juba de cabelos brancos, um cachimbo apagado entre os dentes e olhos que, no seu calor extraordinário, contêm toda a maravilha do mundo.

Quando o concerto terminou, acrescentei meu aplauso genuíno ao das outras pessoas.

De repente, nossa anfitriã apareceu.

– Sinto muitíssimo, Dr. Einstein – disse ela, com um olhar gélido para mim –, que o senhor tenha perdido uma parte tão grande da apresentação.

Einstein e eu imediatamente nos levantamos.

– Sinto muito também – respondeu ele. – Mas meu jovem amigo aqui e eu estávamos envolvidos com a atividade mais grandiosa de que o homem é capaz.

Ela fez cara de curiosa.

– É mesmo? – perguntou. – E qual é ela?

Einstein sorriu e pôs o braço nos meus ombros. E disse as oito palavras que, pelo menos para quem tem uma dívida infinita com ele, são seu epitáfio:

– Abrir mais um fragmento da fronteira da beleza.

A magia de uma noite de verão

Quando a escuridão aumenta, um mundo novo e vibrante ganha vida. Veja com os próprios olhos.

POR JEAN CRAIGHEAD GEORGE
CONDENSADO DA REVISTA Audubon

A noite mais louca e maravilhosa do ano é a Noite do Meio do Verão. Com o movimento da Terra, ela cai na metade do intervalo entre o solstício de verão e o primeiro dia do outono. Mas, para insetos, pássaros e outros animais, são assim as muitas noites quentes do meio do verão, quando o Sol não vai muito além do horizonte e mantém o mundo natural vivo e bastante ativo.



A maioria de nós, com apenas uma vaga consciência dessas noites agitadas, deixa escapar seu impacto vibrante. Por acreditar que não conseguimos enxergar no escuro (na verdade, depois de uns 45 minutos de ajuste o olho humano enxerga quase tão bem quanto o da coruja e melhor do que o do coelho), nos contentamos em sentar no jardim numa noite quente de verão, matando mosquitos a tapa, e entrar em casa exatamente quando tudo começa a se animar. Foi assim comigo e com meu marido até que um amigo cientista insistiu que saíssemos no escuro para “ver” como a natureza prepara maravilhosamente sua criação para a noite.

“Um jeito de ver melhor”, explicou ele, “é escolher um único som e segui-lo até a origem.”

Assim, certa noite de verão, nos concentramos em um determinado som daquele jazz barulhento da escuridão. Era um ronronar divertido que emanava do peitoril da janela. Viramos a lanterna na direção do som. Ele cessou, esperamos. Recomeçou, avançamos... até chegarmos à artista que dava o concerto, uma rãzinha verde e cinzenta, a rã-das-moitas encontrada em todo o leste dos Estados Unidos. No escuro, ela se esgueirara até nossa janela para laçar com a língua os insetos que voavam rumo à luz. Da macieira e até da nossa caixa de correio vinham as vozes de seus congêneres.

Nós a pegamos e descobrimos o mistério de como essa rã terrestre consegue alcançar lugares estranhos onde não precise competir com outras rãs para comer. Os pés são grudentos. Ela consegue se pendurar por um único dedão aderente ou escalar quase todas as superfícies, principalmente quando se move na umidade do orvalho noturno.

Em outra noite, seguimos o som de um grilo. Avançando e esperando, avançando e esperando, finalmente nos sentamos ao lado de um deles, que erguia as asas de bordas serrilhadas num ângulo de 45 graus e as esfregava rapidamente, de trás para a frente, produzindo um som de rachar os ouvidos que avisa às fêmeas como achar o amado no escuro.

Certa noite, nossas lanternas, veja só, nos levaram a uma lagarta barulhenta. Craig, nosso filho, escolhera um som que lembrava uma cerca elétrica estalando na grama. Lá, num tronco, estava a larva de uma broca da madeira, que, não se sabe como, faz barulho para assustar os inimigos.

Acompanhar os sons pode ser muito revelador, mas provocá-los é realmente fascinante. No verão retrasado, um especialista em rãs nos disse que costumava fazer as rãs-touro do seu laboratório coaxarem cantando com voz grave a música “There is a Tavern in the Town”. Ao contrário da maioria das rãs, que só coaxam para encontrar um parceiro, a rã-touro gosta de cantar por pura alegria e, com frequência, participa de coros.

Uma noite, fomos todos da família até um laguinho. John começou: “There is...”, e as crianças e eu nos juntamos a ele. Repetimos a canção algumas vezes até que, dos juncos ao nosso lado, veio o grave refrão da rã-touro. Quatro compassos depois, outra rã se juntou a nós, depois outra e mais outra até que o laguinho inteiro era um clamor. Mas não durou. As crianças caíram na gargalhada e os artistas, sensíveis, se calaram.

À noite, é possível produzir outros sons para trazer à frente do palco os moradores noturnos. Quase sempre, um assovio longo e ondulante junto a um cemitério fará uma corujinha-do-mato se aproximar voando até alguns metros de distância. O tímido rato-do-mato pode ser chamado e sair da toca junto a touceiras de capim e montes de pedra. Fique alguns minutos sentado em silêncio e depois dê um beijo barulhento nas costas da mão. Até o reles rato-do-mato se orgulha da sua propriedade, e essa imitação do som de um camundongo o faz sair de olhos arregalados na noite para enfrentar o inimigo.

Às vezes acendemos um lampião a querosene no quintal. Até ele vêm aleluias, mariposas e demais insetos atraídos pela luz. Todo verão, nossa “caça” mais empolgante é a vistosa mariposa gigante da

espécie *Hyalophora cecropia*, a maior de todas as mariposas dos Estados Unidos. Essa criatura fascinante deixa um aroma na umidade fresca das noites de verão que os machos sentem e seguem com a ponta das antenas da distância inacreditável de um quilômetro e meio ou mais.

No verão passado, capturamos uma fêmea de cecrópia com as asas cor de barro decoradas com pontos brancos e vermelhos e a pusemos numa caixa com um lenço em cima, preso por um elástico. Depois, apagamos a luz e esperamos, contando os meteoros que chovem pelo céu de verão. Uma hora e 63 estrelas cadentes depois, acendemos a lanterna e vimos que a caixa e o arbusto perto dela estavam cheios de quase vinte desses belos animais.

As plantas também têm seus segredos noturnos. Algumas ipomeias e ninfeias e muitos cactos abrem suas flores na escuridão para serem polinizadas por mariposas e insetos noturnos. Uma planta especialmente equipada para o escuro é a boa-tarde amarela, encontrada ao longo de muitas estradas campestres dos Estados Unidos. Ela se abre exatamente no crepúsculo, num movimento tão rápido que pode ser visto e ouvido! Em muitas noites da minha infância, enquanto o sol se punha, eu me sentava numa touceira dessas flores para observar. De repente, eu escutava um barulho como o de bolhas de sabão explodindo e, quando olhava com mais atenção, via os botões gordos se abrirem.

Além do equipamento noturno especial, a natureza inventou mais um artifício para manter a vida em funcionamento: quase tudo segue um cronograma rígido para que a competição por alimento e espaço não seja extenuante. Esse cronograma se baseia não no relógio, mas na luz. Quando a intensidade da luz chega ao “limiar” de um pássaro ou mamífero, ele acorda ou vai dormir.

No crepúsculo, é comum observarmos esse relógio da luz fazer os pássaros adormecerem, cada um num minuto diferente. Na nossa região, a cambaxirra é a primeira a largar o trabalho do dia. Depois, enquanto a noite sobe (porque ela mais sobe do que cai) e os últimos raios do sol se demoram no alto das árvores, os corvos se reúnem e discutem sobre o melhor lugar para pernoitar. Nos 20 minutos seguintes, a canção noturna de papa-moscas, pardais e sabiás é entoada como vinheta quando essas espécies vão dormir. O sol se põe, o pintarroxo chilreia durante cerca de uma hora, e as andorinhas mergulham atrás dos insetos que levantam voo até elas não conseguirem mais enxergar.

No momento em que a luz praticamente se esvai, veados e coelhos aparecem e começam a comer. Eles procuram alimento até ficar escuro demais e, em seguida, vão dormir.

Quando quase não há mais luz, vem das profundezas da floresta a voz de pássaro mais linda do dia: o pio comovente do bem-te-vi. Escuto esse canto e paro: começo a chorar por tudo que nunca consegui concluir na vida. O canto termina. Ergo a cabeça e a Noite de Verão cai sobre mim.

Essa última nota dá início à hora do morcego. Pela noite vêm esses maravilhosos animais alados, equipados com radar e sonar. Alimentam-se de insetos que despertam na hora marcada junto a lagos e riachos. Depois, às 22 horas, os morcegos se recolhem e dormem até as duas da madrugada, quando mais uma vez se alimentam até que a luz da manhã os mande para casa.

Por volta das 23 horas, acordam os mamíferos noturnos: guaxinins, gambás, furões, lontras, castores, camundongos, ratos-almiscarados, esquilos voadores. Certa noite, acampados ao lado de um riacho, vimos um guaxinim pescar no escuro encurralando os peixes até as poças formadas pelas pedras do gado. De repente, rolando sobre nós, veio uma das maiores emoções das noites de verão: uma trovoadas e a tempestade. O guaxinim se protegeu. Os peixes voltaram-se no sentido contrário à corrente e ficaram

imóveis. Os insetos, até os mosquitos, se enfiaram debaixo das folhas.

Quando a tempestade passou, John e eu saímos do nosso abrigo para descobrir que já ia amanhecer num mundo encharcado e gotejante. O cheiro bom de terra molhada nos encheu os pulmões. Então, saída suavemente da escuridão que se erguia, veio de novo a voz do bem-te-vi. Fiquei escutando, cheia de admiração. Pois a canção da manhã, no mesmo ritmo e no mesmo tom da canção do anoitecer, não parece trazer a mesma tristeza. Nela há uma alegria sutil, a expectativa boa do amanhecer.

Kristen volta para casa – para morrer

Quase que de imediato, as pessoas da cidade que se ofereceram para tornar mais leves os últimos dias da jovem mãe perceberam que era *ela* que os estava ajudando

HISTÓRIA DE JULIE PIERCE



Quando falo sobre como nossa cidade se uniu para ajudar Kristen Howard a morrer em casa, perguntam-me:

– Não foi estranho? Você mal a conhecia.

Não posso explicar quão rápida e profundamente nós, voluntários, conhecemos Kristen em seus últimos dias. Suponho que sua morte iminente resolveu todos os problemas de personalidade.

Meus outros relacionamentos também foram afetados; as pessoas apareciam em sua melhor luz, as sombras suavizadas.

Comentei com outra voluntária sobre essa questão das sombras que tornaram-se mais amenas. Os olhos da mulher brilharam, concordando comigo.

– Pensei que eu fosse ficar deprimida – comentou ela. – Kristen é tão jovem e tudo mais. Mas me sinto bem quando volto para casa. Sábado passado Kristen e eu conversamos e rimos durante horas, e foi divertido. Eu não ousaria contar isso à maioria das pessoas.

Eu mesma não entendi, mas as afirmativas estavam certamente em toda parte, desde o início.

O início: numa noite gelada de janeiro de 1982, numa reunião de pais e professores em Temple – uma pequena cidade em New Hampshire, nos EUA – o diretor da escola fundamental, Jim Grant, mencionou que talvez pudéssemos ajudar uma mãe que estava com um problema. Kristen Howard, de 32 anos e divorciada, mãe de Adie, do segundo ano, estava com câncer. As responsabilidades financeiras aumentavam a opressão da doença. Kristen agora estava no hospital, e Adie se mudara para a casa da avó.

Imediatamente, nós, pais, fizemos planos para ajudar. Uma venda de bolos, outra de livros, uma rifa, um almoço de comida mexicana. Embora nossa cidade tivesse apenas 700 habitantes, o espírito voluntário era rápido e eficiente. Havíamos coletado US\$ 3.000 ao chegar o Dia de Kristen Howard.

Sentimo-nos satisfeitos com algumas semanas de esperanças e preces. Tínhamos feito nossa parte. As contas de Kristen estavam em dia e ela sabia que os gastos básicos seriam cobertos.

Então, no domingo, 28 de fevereiro, o reverendo Jim Haddix, pastor da igreja de Temple, anunciou do púlpito que Kristen desejava morrer em casa. Os médicos lhe haviam dito que não havia esperança. Em casa, ela poderia ficar perto da filha, da mãe e do namorado. Mas ela precisaria de cuidados: ser alimentada, virada na cama, acompanhada e visitada. Muitos ficaram ansiosos por ajudar.

No dia seguinte, a escola enviou uma nota aos pais pedindo que participássemos de um esquema de rodízio. Cerca de 30 pessoas se ofereceram. Algumas se prontificaram, como eu, imaginando a situação inversa: “E se eu tivesse...” Algumas ofereceram algumas horas e outras pessoas um pouco mais. O esquema ficou completo imediatamente, com uma lista reserva.

Ann Holbrook, que organizou o rodízio, explicou tudo a cada voluntário por telefone. A mãe de Kristen, Ruthie, ficava com ela à noite; os irmãos e a irmã de Kristen ficavam nos fins de semana. Nossa presença era necessária das 8 da manhã às 10 da noite.

Estávamos lá para atender às necessidades de Kristen, e não para fazer um melodrama quando a hora chegasse. Levávamos bebidas, abríamos as janelas, oferecíamos conforto e apoio. A maioria de nós tinha pouca ou nenhuma experiência com esse trabalho. Kristen sabia disso. Sua tarefa era enfrentar a morte e ajustar-se ao sofrimento e às perdas.

Kristen ficava nervosa ao conhecer gente nova quando se sentia tão mal, mas sabia que esse era o único modo de ir para casa. E ninguém sabia melhor do que ela como suas demandas eram simples.

A ex-cunhada de Kristen, Ingrid, era enfermeira. Ela ia quase todo dia ao hospital para ajudar a

tratar as escaras, dar banho, verificar como tudo estava indo em geral. Isso era um conforto. De qualquer maneira, quando chegou em casa, não parecia que Kristen viveria muito.

Estava macilenta, amarelada e fraca. De início, parecia estar de fato a caminho da morte. Durante esse tempo, suas palavras eram em geral ininteligíveis, e os olhos permaneciam parcialmente fechados. Mas, se falavam com ela ou se seu corpo a chamava através de uma necessidade, ela conseguia vir para o nosso mundo e nos dizer o que queria. Ficávamos gratos por isso, porque realmente não sabíamos o que fazer. Quase que de imediato percebemos que Kristen estava nos ajudando, treinando-nos e ensinando-nos a ter coragem. E todos partíamos levando conosco soluções para nossos próprios problemas sobre a morte e o morrer.

No primeiro dia em que estive lá, Kristen estava com náuseas – enjoada demais para tomar um gole d'água, e ao mesmo tempo tão sedenta que sentia dor ao engolir. Sentei-me à sua cabeceira, com raiva de seu sofrimento, de sua doença, com raiva de Deus por permitir aquilo. Quando me dei conta de minha impotência, voltei-me para Kristen. Uma luz clara e intensa derramava-se de seus olhos. Era uma luz que vinha além de sua personalidade e invadia meu coração. Era um olhar de amor incondicional; um olhar que liberta e perdoa. Era a resposta de Deus.

Num lampejo, o olhar se foi. Kristen lembrou-se de um remédio para enjoos que tomara antes. Chamamos seu médico, e um voluntário correu até a farmácia com a receita. Logo Kristen estava alegremente tomando um picolé.

Outra cena: Adie chegou da escola – ela acabara de ter catapora e fazia dias que não via a mãe. Ela entrou devagar, silenciosamente registrando as mudanças que se apresentavam todos os dias. Kristen acordou e chamou:

– Adie.

– Mãe, trouxe uns cartões para você.

Kristen tocou a mão de Adie, enquanto lia as mensagens em voz alta.

– Obrigada – disse Kristen, com um sorriso.

Aliviada, Adie saiu correndo.

Quando estava no hospital, Kristen sonhou que dizia a Adie tudo o que ia acontecer. Ela contou isso ao médico. Um dia, quando ele conversou com Adie sobre a morte, contou à menina sobre o sonho. Naquela noite, a menina disse à avó:

– Sei que a mamãe vai morrer. Sei o que isso é porque me lembro de quando meus gatinhos morreram.

À medida que os dias se transformavam em semanas, o coração da cidade passou a bater junto com o de Kristen. A rede de voluntários aumentou. Ann Holbrook ligava para cada um de nós na noite da véspera do respectivo turno e contava o que se passara naquele dia.

– Ruthie compôs uma canção para Kristen, *Turn It Around*, e seu namorado, John, tocou-a no violão. Eles cantaram e choraram. Hoje de manhã, quando ela acordou, quis escutar aquelas palavras outra vez.

Era importante tocar em Kristen. Fazia com que se sentisse melhor fisicamente e mostrava-lhe que a doença não a tornava repulsiva. Robin Reid, um voluntário treinado para trabalhar com doentes terminais num hospital próximo, lembrou:

– Kristen era incrível, muito fácil de ajudar. No nosso primeiro encontro, em meia hora eu já estava lhe fazendo uma massagem.

Lonny Brown, que acompanhou Kristen diversas quartas-feiras, perguntou-lhe uma vez se tinha medo de morrer.

– Não – respondeu ela.

Noutra ocasião, ela lhe pediu um picolé. Ele o colocou na mão dela. Ela mal conseguia erguê-lo. Quando finalmente conseguiu levá-lo à boca, ela sorriu. O sorriso inundou Lonny de alegria.

Para mim, Kristen foi uma professora dos estágios do morrer: negação e isolamento, raiva,

negociação, depressão, aceitação. Supus que ela havia chegado à “aceitação” antes de voltar para casa. Eu não estava ciente de que eu, uma estranha, teria de vivenciar os estágios também.

A certa altura, decidi que Kristen estava melhorando. Sob a aparência de “esperança”, comecei a pensar: *Ela não parece melhor hoje?* Não, não parecia. Não havia razão para justificar minha esperança. Uma vez que aceitei a realidade de sua morte, pude ver como os visitantes que a estavam negando exauriam Kristen com suas esperanças.

Numa manhã de quarta-feira, por exemplo, o namorado de Kristen tentou fazê-la comer algumas panquecas com xarope de bordo. Ela não estava mais interessada em comida, mas comeu um pouquinho para agradá-lo. Ele queria que ela recuperasse as forças e a saúde.

Depois que ele saiu, uma amiga passou por lá. Kristen estava dormindo. Chocada com sua magreza, a amiga disse, de forma intensa:

– Espero que ela se vá depressa. O sofrimento é terrível.

Quando finalmente ficamos a sós, pensei nas exigências que as pessoas estavam fazendo a Kristen. Viva mais. Morra depressa.

Quando estava à sua cabeceira, vi a silenciosa imagem de milhares de anjos sobre a montanha atrás da casa. Os anjos nada queriam de Kristen. Apenas estavam ali. Ela abriu os olhos e contei-lhe sobre a imagem. Quando terminei de falar, ela entrou em coma. *Foi se juntar aos anjos*, pensei. *Não ficou, mas também não partiu.*

Lonny Brown chegou para seu turno. Saí e liguei para o reverendo Haddix para informá-lo das alterações. Mas Kristen voltou à consciência enquanto Lonny pôs para tocar algumas fitas de música para ela.

Na sexta-feira soube que Kristen e Ruthie haviam conversado sobre a quarta-feira.

– Eu os deixei preocupados de verdade – brincou Kristen. – Acharam que eu estava partindo.

– Eu sei – disse Ruthie, refletindo. – O que você achou?

– Que tinha partido também.

Naquela movimentada sexta-feira, Ruthie e eu trabalhamos muito. Kristen não encontrava posição. Nós a virávamos com frequência. Ela parecia estar tentando se livrar do corpo. Depois que Ruthie foi para casa descansar, Kristen não conseguiu dormir. Perguntou-me muitas vezes que horas eram. Depois, pediu-me que verificasse o calendário. Queria ter certeza do dia. Também estava preocupada se estava tudo limpo, especialmente os lençóis e a camisola.

– Tudo bem – dizia ela, buscando uma confirmação.

Eu concordava:

– Sim, tudo bem.

Então ela me disse que ia nevar. Discordei totalmente. Estávamos no fim de março, após um inverno em que nevara muito. O solo finalmente ficara visível, e estava mais quente.

Foi difícil para mim ir embora naquele dia. As necessidades de Kristen pareciam ter aumentado muito. Eu ia ligar para Ann Holbrook e dizer-lhe que deveríamos ter duas pessoas ao mesmo tempo com Kristen. Como estava exausta, resolvi ir para casa e tirar uma soneca primeiro. Quando me deitei, começou a nevar. Os grandes flocos flutuando em espiral me causaram tamanha agitação que saí para a varanda, e fiquei andando de um lado para outro até a neve cessar.

Minutos depois, Ann Holbrook telefonou. Logo depois da neve, com a mãe, o namorado e um voluntário a seu lado, e com Ingrid chegando à porta e Adie na escola, Kristen Howard tinha morrido em paz.

Nosso trabalho estava feito. Foi uma grande tarefa para muita gente. Quase todos se beneficiaram com algum tipo de cura. Fomos curados do medo da morte, do medo da inadequação diante da morte, do medo da solidão. Experimentamos uma união na humanidade que se sobrepôs aos frios ventos de março e à separação de nossos próprios mundinhos.

Kristen deu sua confiança àqueles que se ofereceram. Que confiança, permitir que amigos, estranhos até, estivessem com ela enquanto agonizava! Que responsabilidade! E, como se viu, que presente.

Numa reunião de pais e professores algumas semanas depois do enterro de Kristen, lemos diversos bilhetes e cartas de reconhecimento, incluindo uma do presidente Reagan. Depois da reunião, a mãe de Kristen disse:

– Você podia olhar em volta e dizer quem havia estado com ela. Havia uma expressão diferente em seus rostos, uma nova expressão de amor e de paz.

‘O melhor conselho que já recebi...’

Um poucas palavras de seu pai dirigiram Rosalind Russell, de 13 anos, para o caminho da realização para a vida inteira

HISTÓRIA DE ROSALIND RUSSELL



Era uma luminosa tarde de verão e eu tinha apenas 13 anos. Ainda assim, o que meu pai me disse naquela ocasião muitas vezes me vem à mente numa lembrança vívida.

Eu era uma garota alta e magricela, parecida com um limpador de cachimbo, e estava encarapitada no trampolim de um *resort* à beira-mar perto de nossa casa em Connecticut. Era o Dia da Regata. Incentivada pelos gritos dos meus amigos, eu chegara às finais da competição de mergulho.

A outra finalista acabara de mergulhar. Ela não tivera apenas um desempenho esplêndido. Era uma pessoa mais velha de uns 17 anos, com as proporções de uma Vênus contemporânea. Percebi com desânimo que todos os aplausos eram para ela – e tudo que eu tinha era ressentimento. Os assovios e gritos que a receberam quando ela emergiu da água traíam a apreciação de mais do que um bom mergulho. Eu me sentia infeliz, deslocada na competição.

Naquele momento, com os olhos de todos sobre mim, o fecho do meu maiô arrebentou! Em vez de pedir um intervalo para trocar de maiô, usei o incidente como desculpa para desistir. Segurando o maiô contra o peito, pulei na água de pé, automaticamente abandonando a competição.

Meu pai esperava por mim num pequeno barco e, quando me puxou para dentro, disse-me, sem rodeios:

– Rosalind, aprenda uma coisa: “quem desiste jamais vence, e um vencedor jamais desiste!”

Nunca mais papai precisou repetir aquelas palavras.

“Quem desiste jamais vence”, murmurei enquanto tentava mostrar que eu era igual aos garotos da vizinhança. Quebrei a perna pulando do mezanino de um celeiro; o pulso, caindo de um muro alto; a clavícula, tropeçando num meio-fio; e o braço esquerdo duas vezes. Mas sentia uma espécie de satisfação obstinada por ter dado o melhor de mim.

Um dia, anos depois, eu me encontrava num estúdio de ensaios sombrio, em Nova York. Estava tendo aulas de dança, tentando me preparar para um papel numa comédia musical. A sequência era tão difícil que eu achava que nunca a aprenderia.

– Temo que esse ritmo seja rápido demais para suas pernas longas – disse o professor, impaciente.

Corei de raiva, peguei meu casaco e comecei a ir embora, quando de repente me lembrei do dia no trampolim. Tornei a pendurar o casaco, voltei para o meu lugar e ensaiei até que meus pés estivessem quase dormentes. Aprendi a dança.

Como a maioria das verdades simples, as palavras de papai adquiriram um significado mais profundo à medida que minha experiência aumentava. Depois que cheguei a Hollywood e alcancei um sucesso considerável, minha carreira deu uma guinada para o pior. Eu era continuamente escalada para papéis de mulheres profissionais. Embora sentisse que meu verdadeiro futuro fosse a comédia, ninguém me deixava sair da camisa de força desse papel. Uma tarde, sentindo que não conseguia mais suportar a frustração, fui ver meu produtor.

– Interpretei esse papel 19 vezes e estou farta – protestei. – Não tenho oportunidade de aprender mais nada com ele. Ganho até a mesma mesa em todo filme.

Mas ele não estava escutando.

Então, tive minha chance como comediante. Muitas vezes eu havia implorado por determinado papel; finalmente, para me fazer sossegar, chamaram-me para um teste. Desempenhei o papel de quatro maneiras diferentes, conforme as instruções do diretor. Foi então que perguntei:

– Posso interpretar, só uma vez, do meu jeito?

O “meu jeito” era uma caracterização na qual eu havia trabalhado semanas antes diante do espelho do meu camarim, embora me tivessem garantido que eu nunca teria a chance de interpretar o papel. Quando terminei o teste, o diretor disse:

– Ros, você tem alguma coisa especial.

Ele me deu o papel: Sylvia, em *As Mulheres*. Um papel que definiu uma carreira inteiramente nova para mim.

O conselho de papai sustentou-me na vida particular também. Depois do nascimento do meu filho Lance, a doença, que sempre fora algo distante para mim, tornou-se um visitante persistente. À medida que eu piorava, fiquei tentada a apelar para os estimulantes, ou para os soníferos.

Por que não desistir, perguntei a mim mesma, *e aprender a conviver com a doença?*

Mas àquela altura eu estava condicionada a lutar. Após quatro longos anos, pude voltar a ter uma vida normal e ativa.

Fazia filmes, passava horas toda semana trabalhando como co-presidente da Fundação Sister Kenny. Mantendo-me ocupada, esquecia de me perguntar o que eu estava sentindo. Em comparação à provação das crianças com poliomielite com quem eu trabalhava no hospital, meu problema parecia insignificante.

Quando me convidaram para fazer uma turnê com minha peça *Bell, Book and Candle*, aceitei. E quando, após diversas semanas de viagem, eu ainda me sentia com excelente saúde e a peça quebrava recordes de público, soube que me recusar a desistir tinha mais uma vez feito de mim uma vencedora.

Sempre fui grata a meu pai por ter ido me pegar quando saltei na água naquele dia. Sem as palavras dele para me colocar no rumo certo, naquela época, eu poderia ter me lançado à deriva muitas vezes desde então.

As memórias de Anna Pavlova

No palco, ela era um “cisne agonizante”, com graça e beleza etéreas. Apenas os amigos conheciam a grande bailarina como uma pessoa afetuosa e cheia de vida.

POR SOL HUOK



Ela era a pior jogadora de pôquer que conheci. Quando estava com uma boa mão, cantarolava, tagarelava ou olhava ao redor da sala com uma despreocupação tão elaborada que todos sabiam que tinha um par de ases. Com uma mão ruim, ficava tão abatida que parecia que o mundo estava acabando.

Essa foi a Anna Pavlova que eu conheci. Para o mundo, era a maior das bailarinas, uma lenda em seu tempo. Até hoje seu nome é conhecido por pessoas que nunca foram ao balé ou que nem mesmo se interessam por isso. Para elas, era uma pessoa cintilante e irreal, de uma grandeza que o tempo não tocou. Mas, para mim, era uma das pessoas mais afetuosas e cheias de vida que conheci.

Quem hoje só a conhece de clipes de filmes antigos – e ruins – mostrando sua dança, pensa nela como alguém tão distante quanto a estrela mais remota. Aquele rosto exótico, com seus grandes olhos escuros e traços delicados como os de uma camélia, e sua expressão de melancolia fria e esculpida, faziam-na parecer desumanizada. Remota e etérea, era um cisne agonizante, uma donzela espectral, uma princesa de contos de fadas; com suas roupas brancas diáfanas, penteado austero e maquiagem de palidez mortal, não era uma criatura deste mundo.

Essa era Anna para o público. No entanto, em todos os 57 anos em que apresentei ao mundo grandes artistas, jamais conheci ninguém com tanto gosto pela vida.

Nunca vou esquecer a primeira vez que a encontrei. Eu já era um empresário conhecido, mas fiquei tão deslumbrado com ela que costumava me acomodar no fundo do antigo Teatro do Hipódromo de Nova York todas as noites e vê-la dançar. Uma noite, um amigo ofereceu-se para me levar aos bastidores para conhecê-la. Ensaiei mentalmente uma pequena fala em inglês, depois em russo. Quando cheguei ao seu camarim, porém, eu estava mudo e incapaz de falar. Ela estendeu a mão e eu, anestesiado, curvei-me para beijá-la. Quando ela me convidou para jantar, só consegui assentir com a cabeça. Meu sonho de conhecer meu ídolo havia se realizado – e eu não pronunciara uma só palavra.

Que espécie de restaurante você acha que ela escolheria, aquela alta sacerdotisa da dança? Imaginei-a num ambiente sofisticado, mordiscando um ovo de passarinho. Em vez disso, ela escolheu um café ao ar livre no Parque de Diversões de Palisades, em New Jersey, onde devorou um filé de 5 cm de altura, batatas fritas e sorvete. No fim do jantar (eu só beliscara o meu), ela sorriu e disse:

– Agora, vamos sair e nos divertir.

A ideia de Anna de diversão revelou-se um *tour* pelas atrações do parque de diversões. Ela riu dos nossos reflexos distorcidos nos espelhos, gritou quando mergulhamos na montanha-russa e finalmente me arrastou para a pista de dança, onde dançou um foxtrote muito digno.

Essa era a mulher cuja graça incomparável fez o dramaturgo John Van Druten compará-la ao “vento passando como uma sombra sobre um campo de trigo”.

Mas Van Druten nunca a viu nadar. Embora amasse a água, dentro dela Anna era inacreditavelmente desajeitada. Era só braços e pernas, todos indo em direções diferentes. No trampolim, era ainda pior. Aquele ser de beleza, tão insubstancial quanto um raio de luz no palco, atingia a água com um mergulho esparramado, espalhando borrifos como uma miniatura de tsunami. Toda vez que ela mergulhava, eu estremecia.

Anna Pavlova nunca teve filhos, mas era com os pequeninos que era mais sensível. Mantinha uma casa em Paris para cerca de 30 crianças russas refugiadas. Tomava conta das meninas de sua companhia de balé como uma galinha com seus pintos, e sentia-se pessoalmente responsável pelo bem-estar delas. Nas festas de fim de ano ou nos aniversários, cada uma recebia um presente cuidadosamente escolhido.

Em 1923, durante a Grande Fome Russa, ela enviava provisões para a Rússia, e ainda me lembro

dos bailarinos dos teatros Bolshoi e Mariinsky fazendo fila para receber as remessas de alimentos que Anna mandava dos Estados Unidos. Até hoje seu nome é venerado lá, embora tenha deixado sua terra natal em 1913.

Mas foi ao mundo fora da Rússia que Anna Pavlova deu seu mais belo presente. Mais do que qualquer outra pessoa, ela levou o balé a milhões. Num único ano, fez 238 apresentações em 35 semanas, passando por 77 cidades dos Estados Unidos. Ao longo da carreira, viajou mais de 800 mil quilômetros, dançando para incontáveis milhões de pessoas. E não viajava de avião.

Durante todo o tempo em que fui seu empresário, nunca deixou de fazer uma apresentação. Uma vez, em Jackson, Mississippi, pensei que teria de cancelar o espetáculo. O teatro era uma antiga garagem e nem tinha palco – apenas um tablado. Não havia camarins, apenas algumas cortinas penduradas num porão cheio de ratos. Mas ela não reclamou.

– Quero que as pessoas me vejam dançar – disse, e apresentou-se alegremente.

Noutro teatro, havia um grande buraco no teto por onde a chuva entrava, encharcando as roupas e o cenário, e Pavlova fez piruetas dentro das poças d’água.

– Que maravilha – disse-me ela no intervalo. – Não precisamos de luzes; os relâmpagos entram e nos iluminam.

Ela, porém, não era santa. Uma chuva de sapatilhas e mordazes críticas em russo foram despejadas sobre um desventurado empresário. Ela podia ser igualmente profana em russo, polonês, francês ou inglês. Quando irritada consigo mesma, fazia o sinal da cruz várias vezes e murmurava em russo – normalmente *chort*, que significa “demônio”. Lembro-me da maneira como falava quando repreendia um membro da companhia.

– Responda-me! Não fale! – exclamava de um só fôlego, com sua voz aguda e estridente.

Podia ser também um general. Uma vez, quando a companhia estava se apresentando em Washington, D.C., por um descuido, nenhuma aula ou ensaio havia sido marcado no dia da estreia. Naquela noite, dez minutos antes das cortinas subirem, Pavlova ordenou que a companhia inteira fizesse uma única fila no palco. Lenta e deliberadamente, ela perguntou a cada um:

– Ensaiou hoje?

Todos responderam que não.

– Sou uma bailarina – disse ela num tom glacial. – Vocês são bailarinos. Eu ensaio enquanto vocês nada fazem. Então. Teremos uma aula agora.

E, com o público batendo os pés do outro lado da cortina, Anna Pavlova atrasou a estreia em meia hora enquanto dava aula para a companhia inteira.

Anna Pavlova nasceu em São Petersburgo, em 1881. O pai morreu quando ela tinha 2 anos e a mãe era muito pobre. Com frequência passavam a sopa de repolho e pão de centeio. Aos 10 anos, foi aceita como aluna na Escola Imperial de Balé de São Petersburgo, onde davam óleo de fígado de bacalhau à menina magrinha para que engordasse.

O czar Alexandre III e a imperatriz ocasionalmente visitavam a escola e tomavam chá com as crianças. Um dia, o czar pôs uma delas no colo. A pequena Anna teve acesso de choro de ciúme. O czar perguntou-lhe o que havia de errado, e entre soluços ela respondeu que também queria sentar-se no colo real. O Grão-Duque Vladimir pegou-a no colo, mas ela continuou a chorar, insistindo que não queria um

substituto.

A dança que para Anna Pavlova era a experiência de maior emoção era uma que ela própria coreografara. Chamava-se *Folhas de Outono*.

Lembro-me perfeitamente de como seus olhos se enchiam de lágrimas quando ela saía do palco depois de dançá-la. Era dedicada a um jovem que ela conhecera na Rússia e que morreu afogado. *Folhas de Outono* era uma homenagem de Anna Pavlova, a mulher que o amava.

– Você precisa ter amado para ser um grande artista – disse-me uma vez. – Precisa saber tudo sobre o amor, mas precisa aprender a viver sem ele.

Anna Pavlova nada tinha de reservada. Gostava de ter gente a seu redor. Tinha uma bela casa perto de Londres, e pessoas como George Bernard Shaw e Feodor Chaliapin eram convidados assíduos. Adorava receber, e planejava cada detalhe da festa.

Sua gentileza era lendária. Quando os negócios iam mal – como aconteceu uma vez em Chicago – ela dispensou seu pagamento.

– Se puder, pague os meninos e as meninas da companhia.

Noutro ano, a caminho da Cidade do Cabo, a companhia ficou desconsolada por passar o Natal longe de casa. Na verdade, eles cruzariam a linha do equador em 25 de dezembro. Mas Anna preparara uma surpresa. Quando o navio cruzou o equador, ela chamou todos à sua cabine. Havia uma grande árvore de Natal que ela guardara no compartimento de carga do navio. Estava toda enfeitada, com presentes espalhados sob os galhos. Outra vez, no Rio de Janeiro, ficou furiosa porque as cortinas não funcionaram bem. Recusando-se a concluir o espetáculo, deixou o palco irritada. Na entrada da coxia, foi parada por uma mulher com uma garotinha. A menina perguntou por que ela estava indo embora. Quando explicou, a menina começou a chorar:

– Mas a mamãe prometeu que a senhora ia dançar o cisne!

A mulher explicou que levara a filha ao teatro como um presente de aniversário. Pavlova curvou-se, beijou a menina e prometeu voltar. Dez minutos depois retornava ao palco, dançando para ela.

O balé que ela dançou para a criança foi, evidentemente, *A Morte do Cisne*, ao qual o público ainda associa Anna Pavlova. Nele, com movimentos aparentemente fáceis, ela descrevia a agonia da morte. Ela é lembrada não por causa de sua incrível técnica, mas pela compaixão em sua interpretação.

Logo após a morte de Anna, o maestro Constant Lambert regeu, em sua memória, uma apresentação da *Morte do Cisne*, em Londres. Nas primeiras notas, a cortina subiu, mostrando um palco vazio e escuro. Um refletor iluminava a bailarina que não se achava ali, e seguia sua presença invisível pelo palco. O público londrino levantou-se e manteve-se de pé num tributo silencioso, enquanto a orquestra executava a música de Saint-Saëns com a qual ela estará para sempre identificada.

A última vez que vi Anna Pavlova foi no fim de 1930. Eu estava em Paris, preparando-me para voltar de navio para Nova York. Ela telefonou de Londres, onde estava se apresentando, e pediu-me que embarcasse em Southampton. Naturalmente, concordei.

Embora o tempo estivesse úmido e frio, ela veio até o navio, examinou minha cabine, verificou se minha cama era confortável e instruiu o comissário de bordo que cuidasse bem de mim. Como se eu fosse uma criança, disse-me o que comer, que me exercitasse e dormisse bastante. Os demais presentes tentaram apressar sua saída do navio, temendo que ela pegasse um resfriado. Ela os repreendeu:

– Quietos! – disse, a voz falhando. – Pode ser a última vez que o vejo.

E foi. Três meses depois ela estava morta. Morreu em Haia, de pneumonia dupla. Às 3 horas de certa madrugada, ela acordou com febre. Chamou a empregada e pediu que preparasse a roupa de cisne.

Pedi que comunicassem a seu empresário que ela estava bem e que retomaria os ensaios no dia seguinte. Uma hora depois, aos 49 anos, Anna morreu.

Não muito tempo depois de seu falecimento, fui a Londres. Era minha primeira vez em anos na Europa sem vê-la. Fui ao Crematório de Golder's Green, não muito distante de onde ela vivera, e me lembrei de perguntar ao vigia onde estavam suas cinzas.

– Muro Leste, 3-7-11 – respondeu ele.

Isso foi tudo que restou de Anna Pavlova. Ali, numa calçada de pedra em frente ao Muro Leste, 3-7-11, depus um pequeno buquê de violetas.

Eram suas flores prediletas.

A toalha de mesa de ouro e marfim

Uma compra impulsiva de um pastor leva a um incrível reencontro.
Coincidência ou intervenção divina? Você é quem vai julgar...

PELO REVERENDO HOWARD C. SCHADE



Aconteceu a um pastor bem jovem, responsável por uma igreja muito antiga. A igreja tivera seu momento de glória muito tempo atrás. Homens famosos pregaram em seu púlpito, rezaram diante de seu altar. Ricos e pobres, juntos, haviam orado e construído uma linda igreja. Agora, os bons dias haviam passado naquela área da cidade onde ela ficava. Mas o pastor e sua jovem mulher acreditavam em sua igreja, mesmo ela estando em tão mau estado. Eles achavam que com tinta, um martelo e fé conseguiriam recuperá-la. Juntos, puseram-se a trabalhar.

Mas um dia, quando dezembro já ia adiantado, uma forte tempestade caiu sobre o vale, e o pior golpe se abateu sobre a pequena igreja – um enorme pedaço de reboco, encharcado pela chuva, despencou da parede interna, bem atrás do altar. Muito tristes, o pastor e a mulher limparam tudo, mas não tinham como esconder o buraco. O pastor ficou olhando para o estrago e se obrigou a pensar: “Que seja feita a Tua vontade!”

Mas a mulher lamentou. “Faltam apenas dois dias para o Natal!”

Naquela tarde, o casal, desanimado, compareceu a um leilão promovido em benefício de um grupo de jovens. O leiloeiro abriu uma caixa e tirou dali uma bela toalha de mesa, de renda, em tons de ouro e marfim. Era uma peça magnífica, de quase 4,5 metros de comprimento, lembrança de um tempo há muito desaparecido. Quem, nos dias de hoje, teria algum uso para uma toalha como aquela? Houve alguns lances tímidos para a peça, então o pastor subitamente teve o que considerou uma grande ideia. E arrematou a toalha de mesa por 6,50 dólares.

Ele levou a bela peça para a igreja e a pendurou na parede atrás do altar. Assim, o buraco ficou totalmente escondido! E a extraordinária beleza da toalha feita à mão ainda deu um brilho elegante e festivo ao altar. Foi um grande triunfo. O pastor estava muito feliz quando voltou a preparar o sermão natalino.

Pouco antes do meio-dia, na véspera de Natal, ao abrir a igreja o pastor percebeu que havia uma mulher no ponto de ônibus esperando na friagem.

“O ônibus só vai passar daqui a 40 minutos!”, avisou. E a convidou para entrar na igreja e se aquecer.

A mulher contou ao pastor que viera do centro da cidade naquela manhã para uma entrevista para a vaga de governanta dos filhos de uma das famílias mais prósperas do local, mas que não fora escolhida. Ela era refugiada de guerra, e seu inglês estava longe de ser perfeito. A mulher se sentou em um banco da igreja, esfregou as mãos uma na outra para aquecê-las e descansou um pouco. Depois de algum tempo, baixou a cabeça e rezou. Quando tornou a erguer a cabeça, o pastor estava começando a ajeitar a enorme toalha de renda dourada e marfim na frente do buraco. Ela se levantou de repente, subiu os degraus que levavam ao altar e examinou a toalha. O pastor sorriu e começou a contar sobre os danos que a tempestade causara. Mas a mulher parecia não estar escutando. Ela pegou uma das pontas da toalha e a esfregou entre os dedos.

– É minha! – disse a mulher. – É a minha toalha de banquete! – Ela virou um dos cantos da peça e mostrou ao pastor, surpreso, um monograma. – Meu marido mandou fazer essa toalha em Bruxelas, especialmente para mim! Não poderia haver outra igual!

Durante os minutos seguintes, a mulher e o pastor conversaram animados. Ela explicou que era de Viena e que, junto com o marido, havia se oposto aos nazistas. Por isso, ambos decidiram deixar a Áustria. Eles foram aconselhados a abandonar o país separadamente e o marido a colocara em um trem para a Suíça. Eles planejavam se reunir assim que ele conseguisse arrumar um jeito de despachar seus pertences pela fronteira.

A mulher nunca mais voltara a ver seu marido. Mais tarde, ouviu dizer que ele morreria em um campo de concentração.

– Sempre achei que havia sido por minha culpa... por partir sem ele – ela se lamentou. – Talvez esses anos todos perambulando por aí tenham sido meu castigo.

O pastor tentou confortá-la e a encorajou a ficar com a toalha. A mulher recusou. E logo partiu.

Quando a igreja começou a encher para a noite de Natal, ficou claro que a toalha seria um grande sucesso. Um homem de meia-idade e expressão bondosa, que era o relojoeiro e joalheiro local, pareceu confuso ao ver a toalha de mesa.

– É estranho – comentou ele, com seu leve sotaque. – Muitos anos atrás, minha mulher, que Deus a tenha, e eu tínhamos uma toalha igual a essa. Em nossa casa em Viena, ela era usada para cobrir a mesa. – E acrescentou com um sorriso: – Mas só quando o bispo vinha para o jantar.

O pastor ficou muito empolgado. E contou ao joalheiro sobre a mulher que estivera na igreja mais cedo, naquele mesmo dia.

O homem, muito surpreso, segurou com força o braço do pastor.

– Isso é mesmo verdade? Ela está viva?

Juntos, eles entraram em contato com a família que entrevistara a mulher. Então foram até o centro da cidade no carro do pastor. E, quando amanheceu o dia de Natal, esse homem e sua mulher, que haviam passado tantos Natais tristes, separados um do outro, estavam juntos novamente.

Para todos que escutam essa história, o propósito de Deus por trás da tempestade que abriu o buraco na parede da igreja logo fica claro. Obviamente as pessoas dizem que foi um milagre, mas acho que vão concordar que o Natal é a época perfeita para isso.

Copyright © 2013 by Reader's Digest Brasil Ltda.

Conteúdo extraído da revista Seleções, publicada por Reader's Digest Brasil

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil a partir de 2009.

Crédito das imagens, exceto em "A noite em que conheci Einstein": ThinkStock

Preparação de conteúdo ebook:

Marina Góes

Produção do arquivo ePub

Ranna Studio

e-ISBN: 9788576454984

Todos os direitos reservados a

Reader's Digest Brasil Ltda.

Rua do Carmo, 43 / 10º e 11º andares

Rio de Janeiro, RJ – CEP 20011-020

Visite nosso site: selecoes.com.br